

ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL E EDUCAÇÃO DE ADULTOS: UM OLHAR NO MARULHAR DA ATUALIDADE

Rui Fonte

Universidade de Trás-os-Montes Alto Douro (Portugal)

rfonte@utad.pt

“Agora já não era novo e não sabia o que fazer. Nem encontrar um sentido que o ligasse a todo o tempo perdido conseguia. Isso bastaria, mas não conseguia”.

(Paixão, 1992: 87).

RESUMO

Este artigo visa refletir sobre a relação atual entre Animação Sociocultural (ASC) e Educação de Adultos (EA). Numa altura em que se festeja, em Portugal, o 50º aniversário da Revolução dos Cravos, onde o povo português se soltou das amarras da opressão e da ditadura – e, nessa moldura social, se celebra também os 50 anos do nascimento da ASC em Portugal – para destapar a liberdade cultural e o acesso democrático à criação e fruição artística, o objetivo deste artigo é compreender se as práticas de ASC fazem ainda sentido como metodologia privilegiada de EA. Para tal, a metodologia adotada sustenta-se numa revisão, breve, mas consistente, da bibliografia existente sobre o tema, acrescentando-lhe alguns detalhes contemporâneos que traçam um novo olhar sobre o mesmo. Numa primeira fase, dedicamo-nos às características da EA, espreitando também o conceito de andragogia, e, numa segunda fase, à matriz da ASC. No final, traçamos as linhas que concorrem entre os dois conceitos, no marulhar da inconstante atualidade. Espera-se alcançar uma reflexão

sólida, que nos permita, por un lado, perceber a relação atual entre EA e ASC e, por outro, projetar novas perspectivas sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE

Animação Sociocultural; Educação de Adultos; Andragogia.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la relación actual entre la Animación Sociocultural (ASC) y la Educación de Adultos (EA). En un momento en el que Portugal celebra el 50º aniversario de la Revolución de los Claveles, en la que el pueblo portugués se liberó de los grilletes de la opresión y la dictadura -y, en este contexto social, también se celebra el 50º aniversario del nacimiento de ASC en Portugal– para descubrir la libertad cultural y el acceso democrático a la creación y el disfrute artísticos, el objetivo de este artículo es comprender si las prácticas de ASAC siguen teniendo sentido como metodología privilegiada de la Educación de Adultos. Para ello, la metodología adoptada se basa en una breve pero consistente revisión de la bibliografía existente sobre el tema, añadiendo algunos detalles contemporáneos que esbozan una nueva mirada sobre el tema. En una primera fase, nos dedicamos a las características de la EA, profundizando también en el concepto de andragogía, y, en una segunda fase, a la matriz ASC. Al final, trazamos las líneas que compiten entre los dos conceptos, en el oleaje del voluble presente. Se espera lograr una reflexión sólida, que nos permita, por un lado, percibir la relación actual entre EE y ASC y, por otro, proyectar una nueva mirada sobre el tema.

PALABRAS CLAVE

Animación Sociocultural, Educación de Adultos, Andragogia

INTRODUÇÃO

Escreve-se este artigo nas vésperas da celebração do 50º aniversário da sobejamente conhecida Revolução dos Cravos, que marcou o 25 de abril de 1974 para sempre, especialmente em Portugal, com reflexos no e do mundo. Ao mesmo tempo, acontece a afirmação institucional da Animação Sociocultural (ASC) em Portugal.

O 25 de abril desceu às ruas, às fábricas, às escolas, impulsionado por um povo (...) que animava e se animava num reencontro com a história e com a vontade de transformar as vertentes da política, da educação e da dimensão social e cultural.

(Lopes, 2006, p.153)

Mas estaria a matriz da ASC delineada de forma a adaptar-se às alterações que se viriam a verificar nos anos seguintes? E qual a sua relação com a Educação de Adultos (EA) num contexto de analfabetismo, num cenário de abandono e abstinência escolar, numa conjuntura de transformações sociais?

Importa vincar o que realmente queremos dizer quando enunciamos ASC. Apesar de muitos autores defenderem que a tarefa de conceptualizar a ASC, reduzindo-a a uma definição ou um conceito unificador, é impossível, por ser um fenómeno amplo que abraça diversos contextos e realidades, convocamos Trilla que, em conjunto com outros autores, sintetiza em poucas palavras o conceito de ASC como:

conjunto de ações realizadas por indivíduos, grupos ou instituições sobre uma comunidade ou sector da mesma, dentro de um território concreto, com a finalidade principal de favorecer a participação ativa dos participantes no processo do seu próprio desenvolvimento social e cultural.

(Trilla et al., 2003, p. 89)

Tarefa mais facilitada quando se quer expor o conceito de EA. Para tal, trazemos ao discurso o conceito da UNESCO, na conferência de Hamburgo, em 1997.

A Educação de Adultos compreende a educação formal e a educação permanente, a educação não formal e toda a gama de oportunidades de educação informal e ocasional existentes numa sociedade educativa multicultural, em que são reconhecidas as abordagens teóricas e baseadas na prática.

(UNESCO, 1997, p. 16)

Ao juntarmos ambos os conceitos, percebemos que, dada a transformação e evolução da realidade educativa, cultural e social, especialmente nestas últimas cinquenta décadas, ASC e EA são matéria-prima e produto recíprocos entre si. Como defende Rui Canário,

a expansão acelerada da educação de adultos no período do pós-guerra não representou apenas um crescimento linear de algo já preexistente, mas sim a construção de um campo de práticas educativas, diversificadas (nas instituições, nos atores e nas finalidades) que podemos descrever como um conjunto de quatro pólos que se articulam e interagem entre si: são eles a alfabetização (ou oferta educativa de segunda oportunidade), a formação profissional, o desenvolvimento local e a animação sociocultural.

(Canário, 2013, s/p)

O défice de qualificação dos portugueses é ainda uma realidade e, se por um lado a população mais jovem beneficiou da evolução dos sistemas educativos fruto da revolução de abril, existe ainda uma geração mais velha ainda pouco certificada. É essencial, através de metodologias de ASC, acrescenta-se, continuar a educar e formar adultos, para, como refere, Costa, “garantir a continuidade das democracias e a sustentabilidade” (Costa, 2020, p.21), em Portugal e no mundo.

EDUCAÇÃO DE ADULTOS

Para explorar o conceito de EA, recuemos à década de 70 do século XX, para um trabalho da autoria de Malcom Knowles, reconhecido pedagogo dos Estados Unidos da América, intitulado “A prática moderna de Educação de Adultos”. Foi neste artigo que assumiu a paternidade do atual conceito de EA, que inicialmente fora denominada de andragogia. Knowles desenhou os pressupostos básicos da andragogia, quadro de aprendizagem de adultos, em contraste com a pedagogia, prática educativa de crianças e jovens.

Como nos recorda Barros (2018), existem seis pressupostos que estabelecem a diferença entre pedagogia e andragogia, a saber: 1) A forma como é entendida a necessidade de saber. Se, por um lado, a criança necessita de saber para aprender o que o professor ensina, por outro, o adulto necessita aprender o que lhe é útil. 2) Autoconceito de quem aprende. A criança sente-se dependente do professor. O educando adulto é mais independente e tem mais autonomia. 3) A experiência do aprendente. A criança tem pouca ou nenhuma experiência, valorizando o professor como mais sábio. A experiência do adulto é uma mais-valia para a sua própria aprendizagem. 4) A vontade de aprender. As crianças estão, normalmente, sempre prontas a aprender o que lhes é ensinado. O adulto só tem vontade de aprender o que lhe for útil. 5) O sentido dado à aprendizagem. Em criança, parte-se do pressuposto que a longo prazo será compreendida a lógica do processo de ensino-aprendizagem. No adulto, o contributo das aprendizagens tem de se verificar a curto prazo, quase no imediato. 6) A motivação para aprender. Enquanto a criança se motiva por fatores externos, o adulto tem como principal motivação fatores de ordem interna.

Apesar de os anos trazerem à tona alguns sofismas sobre esta temática, que não importa aqui destacar e que deixaremos para outras oportunidades, é possível perceber as principais diferenças entre andragogia e pedagogia, guiando-nos ao essencial: compreender a metodologia, ou conceção, da EA. Em epítome, podemos defini-la como “toda e qualquer iniciativa organizada que vise promover o desenvolvimento académico, profissional, social e pessoal de indivíduos adultos, mesmo tendo consciência de que existem adultos muito diferentes” (Bergano, 2002, p.14). Conscientes dessa

heterogeneidade, não só na idade como nas condições económicas e sociais, até gostos culturais ou preferências desportivas, torna-se imprescindível criar condições e educar o adulto ao longo de toda a sua vida, acompanhando as suas potencialidades, expectativas ou necessidades, impulsionadas pelas constantes mutações quotidianas.

Em Portugal, entre 2005 e 2013, através da iniciativa Novas Oportunidades, presente em todo o país, foi possível diminuir a desigualdade de acesso à educação da população adulta. Esse programa, na altura enquadrado nos Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC), permitiu facilitar o acesso a grande percentagem de adultos à escolaridade. Esses Centros Novas Oportunidades (CNO) encerraram em 2013. Atualmente, a escolaridade da população adulta é da responsabilidade da Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional, I.P. (ANQEP, I.P.), através do Programa Qualifica.

Existe, porém, muito trabalho a fazer, para diminuir o hiato entre as políticas e as práticas, que passam por alterar mentalidades de quem está no centro das decisões, não só de âmbito central, mas principalmente a nível local. Bergano salienta que

são vulgares os estereótipos que associam o envelhecimento ao declínio intelectual. A idade adulta é encarada como uma fase da vida em que a aprendizagem não é tão importante como na infância ou na adolescência. No entanto, as investigações que têm sido feitas nesta área apontam a idade adulta como tão propícia à aprendizagem como qualquer outra”.

(Bergano, 2002, p. 22)

É, talvez, a altura certa para permitir o já merecido protagonismo à ASC e aos Animadores Socioculturais.

ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL

Para explicar o surgimento da ASC vamos recuar à década de 50 do século XX, quando André Malraux trouxe o desígnio para o léxico da academia, que seria apropriado quer no âmbito educativo, como cultural e social.

Estávamos então à porta do erigir da Europa dos escombros deixados pelas duas guerras mundiais. Malraux sabia que a cultura transporta um protagonismo e uma dinâmica social considerável e nada melhor do que colocá-la ao serviço de causas e, a partir dela, mobilizar a França, uma vez que este país necessitava de todos os recursos para a emergente e necessária tarefa de reconstrução.

(Lopes, 2019, p. 62)

Por que terá Malraux elegido o termo ASC? A etimologia dá-nos a resposta. Segundo Ventosa (1993) podemos atribuir uma dupla origem etimológica ao termo *Animação*. Distingue-se animação como *anima* e Animação como *animus*. Na primeira designação, entendemos animação como dar vida, atribuir sentido à vida, que pressupõem um comportamento mais reflexivo. Na segunda perspetiva, Animação, como *animus*, é movimento e dinamismo, que pressupõe incitar à ação. Esta visão duo resulta na diversidade na atuação do Animador Sociocultural. A partir da sua perspetiva etimológica, o Animador Sociocultural é aquele que incita para a ação, como mediador de relações interpessoais, e promove a reflexão, como consciencializador das limitações e potencialidades de todos e de cada um.

A partir desta matriz, os anos seguintes foram de afirmação. Tal como já se referiu em relação à EA, também a UNESCO teve um papel fundamental na afirmação da ASC, assim como o Conselho da Europa. Ambas as organizações foram importantes, especialmente através do Conselho de Cooperação Cultural (CCC). Recuperamos o sábio entendimento de Lopes sobre a matéria.

A Animação Sociocultural aparece como uma estratégia para preencher o fosso cultural existente. Neste sentido, o Conselho da Europa elaborou uma declaração política em matéria

de Animação Sociocultural, onde proclama: a democracia traz em si a obrigação moral de trabalhar para a instauração duma sociedade na qual todo o cidadão sabe que dispõe duma voz que será respeitada nas decisões que afectam a sua vida e a da sua comunidade. É, pois, urgentemente recomendado que os Governos elaborem e apliquem uma política de Animação Sociocultural e lhe atribuam, na planificação nacional, uma importância igual à que atribuem às políticas em matéria de educação, alojamento, protecção social, etc.

(Lopes, 2019, p. 63)

Nestes últimos anos, a realidade alterou-se por completo e as preocupações de ontem não são as de hoje, nem serão as de amanhã. Pior, as inquietações de há pouco são bem diferentes neste instante. O mundo muda num segundo e é necessária uma constante atualização para responder, com propriedade, aos desafios que se atravessam. Há questões que permanentemente teremos de fazer. Terá a ASC capacidade, enquanto metodologia de intervenção, de estar em todas as frentes como até então tem sido seu apanágio? Será o bastante capaz para acompanhar a reivindicação social? Terá ainda competência de mediação no acesso democrático à cultura? Terá robustez e agilidade suficientes para se assumir como solução às necessidades educativas, nomeadamente da população adulta? Em suma, será embarcação à deriva ou porto de abrigo neste marulhar da atualidade?

UM OLHAR NO MARULHAR DA ATUALIDADE

Como abordagem pedagógica que visa envolver as pessoas de forma ativa na sociedade, promovendo a participação, o diálogo e o desenvolvimento coletivo, a ASC, no contexto da EA, desempenha um papel crucial ao criar espaços de aprendizagem inclusivos e dinâmicos, que visam a promoção do desenvolvimento pessoal, social e cultural dos adultos.

As práticas de ASC comungam das intencionalidades da EA, pois encaram o indivíduo como um ser em constante desenvolvimento, na procura de simetrias pessoais e sociais e independência nas

escolhas. Recordemos que, em 1988 (Barcelona), na Conferência sobre a formação de educadores e agentes socioculturais, a ASC foi considerada um dos métodos específicos para a EA.

ASC é também uma forma de Educação de Adultos. Inclusive, há quem fale de 'Educação de Adultos Sociocultural', em contraposição à Educação de Adultos formal. Tratar-se-ia de uma modalidade para consciencializar os adultos sobre a sua condição social, seus problemas e forma de os superar.

(Calvo, 2002, p. 68)

Através das metodologias e práticas de ASC, o indivíduo, já adulto, transforma-se num cidadão consciente dos seus problemas e ativo na forma de encontrar recursos para os ultrapassar.

Segundo Requejo, reforçado por Calvo (2002), podemos distribuir a oferta da EA em três grandes áreas: 1) Académica, que inclui a formação básica para o acesso a diferentes níveis do sistema educativo. 2) Laboral, centrada na qualificação profissional. 3) Social e cultural, orientada para a promoção da participação das pessoas adultas na vida social, cultural, política e económica.

A ASC terá uma intervenção mais próxima da área social e cultural, pois visa incentivar a participação ativa das pessoas nas tomadas de decisão. Porém, também pode intervir junto das dinâmicas laborais, através de dinâmicas de grupo, e académicas, através de atividades de complemento curricular.

Cáceres (1990), atualizado por (De Miguel, 2008), oferece outro ponto de vista, onde destaca três tendências atuais da EA. A primeira é atuar nos tempos de lazer e tempo livre, para colmatar a necessidade de lidar construtivamente com excedentes de tempo gerados pelas dinâmicas socioeconómicas. A segunda tendência é a educação para o desenvolvimento social, visando suprir as necessidades de estruturação de alguns canais de participação e integração no tecido social. A terceira e última disposição é uma EA para o trabalho, preparando e reintegrando os indivíduos num mercado de trabalho cada vez mais feroz e competitivo. As três tendências são facilmente abraçadas pelas práticas de ASC, pois também a ASC intenta a rentabilização do tempo livre, o desenvolvimento e a integração social.

Mais evidente é a relação apresentada por De Miguel (2008), que une a ASC e a EA no cumprimento de duas funções:

1. Complemento para a educação básica de adultos e processos de formação profissional, na medida em que se contextualizam em fenómenos reais de aprendizagem.
2. Metodologia específica de intervenção de adultos, que proporcione aos indivíduos e grupos sociais um fator complementar para aperfeiçoar capacidades e possibilidades de participação social.

A proposta de associar as práticas de ASC aos princípios da EA, através de uma educação ao longo da vida, visa compreender o contributo da ASC nas demais ofertas educativas da sociedade que vão ao encontro das necessidades das pessoas, de acordo com as novas exigências do mundo em rápida mudança.

Conceber e reconhecer uma educação ao longo da vida é compreender que a vida, por ser vivida, tem a competência de proporcionar processos de ensino-aprendizagem constantes, onde a ASC é ferramenta metodológica fundamental.

Em entrevista, a propósito da investigação sobre lugares de educação, para uma tese de doutoramento, Sampaio da Nóvoa referiu o seguinte:

A minha ideia é que a ASC durante algum tempo, e se calhar era inevitável que assim fosse, aparecia como um exercício ‘iluminado’, no sentido em que se levava a cultura ao povo, numa filosofia de educação popular. Hoje, a ASC tem de se desfazer desta ideia e começar a agir ao contrário e olhar para as realidades das famílias, das pessoas, da sociedade e perceber onde e quando pode introduzir fatores de mediação e de investimento de certas realidades que já existem, e investi-las do ponto de vista da educação e do conhecimento.

(Nóvoa, 2014, entrevista n.º 4)

Conhecimento em permanentes mutações, à boleia de transformações sociais diligenciadas pela revolução tecnológica (assistimos hoje ao empoderamento da Inteligência Artificial, p.e.), que só vem agravar as desigualdades sociais. Mutações que requerem da EA uma resposta às necessidades

no campo da alfabetização digital e nas alterações do mundo profissional (existem cada vez mais robots a fazer o trabalho outrora de humanos). Não esquecendo, naturalmente, as catástrofes naturais, consequentes da emergência climática e as guerras, consequentes de regimes ditatoriais antidemocráticos. A EA, tal como a ASC, devem fazer parte integrante das respostas a estas problemáticas.

Trata-se de justificar a importância de um direito de todos, à luz de uma conceção muito ampla de educação que inclui o recurso à combinação de diferentes modalidades educativas (formal, não formal e informal) e que se institui como um percurso de vida que acompanha todas as pessoas nos diferentes momentos e lugares da experiência humana. Estamos perante um desígnio de natureza civilizacional que pretende dar resposta (que terá de ser permanente) aos grandes problemas com os quais a humanidade se confronta hoje: “revolução digital”, mutações do mundo do trabalho, desigualdades sociais e de género, sustentabilidade do planeta, evolução demográfica e fluxos migratórios, afirmação de uma cultura de diálogo e paz, qualidade e intensidade da democracia.

(Canário, 2020, p. 26)

A EA e a ASC, partilhando teorias e práticas que enfatizam a participação ativa, a reflexão crítica e a transformação social, podem enriquecer significativamente a experiência educativa dos adultos, proporcionando-lhes oportunidades de aprendizagem mais relevantes e significativas. Ao integrar metodologias de ASC na EA, podem criar-se ambientes de aprendizagem mais envolventes, relevantes e participativos, contribuindo para o desenvolvimento holístico dos adultos. No fundo, tentando esclarecer sobre o que atualmente nos faz duvidar se podemos ou não ter um mundo melhor e qual o contributo de cada um.

ASC e EA

Nesta relação recíproca entre ASC e EA, importa dar nota de algumas características necessárias à eficiência e eficácia no que à aprendizagem do adulto diz respeito. São elas flexibilidade, relevância, participação, inclusão, diversidade e contexto.

A flexibilidade natural da ASC é um fator assertório para se ajustar às outras responsabilidades dos adultos, dinamizando atividades em horários pós-laborais ou ao fim-de-semana. A relevância dos temas e interesses particulares do adulto, tornando-o fator central do processo de ensino-aprendizagem, relacionando-os com a vida quotidiana é bastante favorável. A participação ativa, fomentada em qualquer iniciativa de ASC, reconhecendo a experiência, autonomia e conhecimentos do adulto, é benéfica. A inclusão, como fator intrínseco à ação, minimizando as desigualdades sociais e/ou económicas contribui para o ultrapassar de barreiras presentes na EA. A diversidade de conteúdos partilhados nas ações de ASC/EA, consoante as necessidades do público adulto, é característica fundamental. Por último, o contexto, fundamentalmente não formal, como a biblioteca pública ou a esplanada de um teatro, são propícios ao sucesso do processo de EA.

A afinidade entre ASC e EA afina-se ao longo do discurso. A EA concentra-se na educação e no desenvolvimento de habilidades de adultos que não concluíram a escolaridade na idade convencional. O seu objetivo é proporcionar oportunidades de aprendizagem que capacitem os adultos a melhorar as suas habilidades, conhecimentos, competências e perspetivas de emprego, promovendo o desenvolvimento pessoal e profissional ao longo da vida. A ASC, como abordagem que intenta envolver ativamente as pessoas em processos de aprendizagem e transformação social, tem várias formas de se relacionar com a EA. Ambas têm uma dimensão de desenvolvimento comunitário. A ASC procura fortalecer as comunidades através de atividades culturais e educativas. A EA contribui para o desenvolvimento da comunidade, capacitando os adultos através da educação. Tanto a ASC como a EA focam-se no envolvimento de todos os membros da comunidade, incluindo aqueles que podem ter sido marginalizados ou excluídos por falta de escolaridade, e proporcionar oportunidades de aprendizagem que atendam às necessidades específicas de cada adulto. Sempre através de metodologias participativas, nas quais os participantes são incentivados a contribuir

ativamente para o processo de aprendizagem. Isso inclui técnicas e metodologias que resultam em atividades práticas, como as que exemplificamos de seguida: 1) Dinâmicas de grupo, promovendo a interação social, a comunicação e o trabalho em equipa. 2) Oficinas, criando oportunidades práticas de aprender conteúdos, de forma a adquirirem habilidades específicas relevantes para a sua vida. 3) Experiências em contexto real, levando os adultos a lugares que não visitariam por iniciativa própria. 4) Escuta ativa, enaltecendo o diálogo e a empatia, através da partilha de acontecimentos e conhecimentos. 5) Utilização de tecnologia, fornecendo recursos digitais e proporcionando novas experiências interativas. 6) Atividades de expressão artística, desde o drama até à expressão plástica, promovendo a criatividade e o autoconhecimento. 7) Métodos colaborativos, no sentido de promover a resolução de conflitos e melhorar a comunicação. 8) Avaliação Participativa, onde o adulto educando têm um papel ativo na avaliação do processo de ensino-aprendizagem.

Todas estas práticas e metodologias, no entanto, devem ter em conta as características particulares deste público-alvo. Falamos de adultos de diferentes faixas etárias, origens culturais, níveis educacionais e experiências de vida. A flexibilidade é fundamental para atender às necessidades variadas deste diversificado público. A ASC reconhece a importância de adaptar atividades, conteúdos e estratégias de modo a ir ao encontro da diversidade cultural do público-alvo. Isso passa por, como já foi referido, ter presente uma matriz de inclusão social, promovendo a igualdade de acesso à educação, onde o indivíduo é o protagonista do seu próprio processo de aprendizagem. É importante, para que estas estratégias funcionem, respeitar a autonomia de cada um e garantir que as atividades e os conteúdos sejam relevantes para a vida real dos adultos educandos. Ao considerar e atender às necessidades específicas do público-alvo, criam-se experiências educativas mais significativas e impactantes. Em suma, revelando-se como abordagem holística, a ASC é possível de integrar nos programas de EA e Certificação de Competências, contribuindo para um ambiente facilitador e envolvente.

CONCLUSÃO

Olhamos a ASC e a EA numa perspetiva integrada. Trata-se de campos de ação interligados, centrados no desenvolvimento humano e na promoção de aprendizagem ao longo da vida. Ambas as abordagens partilham o objetivo de empoderar os adultos através de estratégias educativas e culturais adaptadas às suas necessidades específicas.

Por um lado, temos a ASC, uma prática que visa promover a participação ativa e o desenvolvimento comunitário através de atividades culturais, sociais e educativas. Por outro lado, a EA, concentrada na oferta de oportunidades educativas para adultos que não concluíram sua formação escolar na idade convencional.

Ambas as abordagens adotam metodologias participativas, destacando a importância da interação e da experiência prática. A ASC utiliza atividades culturais, artísticas e recreativas para envolver a comunidade, enquanto a EA integra estratégias como a aprendizagem em contexto real, oficinas e dinâmicas de grupo.

Com um público adulto diferenciado (na idade, origem social e cultural, nível educativo e experiências de vida), tanto a ASC como a EA utilizam diferentes abordagens para atender às necessidades específicas desses grupos, promovendo a inclusão e a participação ativa.

A tecnologia também está presente em ambas, numa consideração crescente, através da utilização de recursos online e plataformas educativas digitais. Por último, a avaliação é componente crucial em ambas, onde o adulto é convocado a participar ativamente.

Concluindo, para além da evidente reciprocidade, a ASC é influente na EA ao proporcionar uma abordagem dinâmica, participativa e culturalmente sensível, que atende às necessidades específicas do público adulto, promovendo um ambiente educativo inclusivo e eficaz.

A integração entre ASC e EA oferece uma abordagem holística para o desenvolvimento humano. Com metodologias participativas, adaptabilidade e um foco centrado no participante, essas práticas têm o potencial de criar experiências educativas enriquecedoras e impactantes no indivíduo.

Devemos, contudo, estar atentos aos constantes desafios e oportunidades que as transformações da sociedade impõem. Reconhecendo que cada desafio é uma oportunidade para inovar e estar em contínua progressão, a revolução tecnológica, o advento da Inteligência Artificial, a queda de regimes democráticos, a guerra ou a emergência climática são temas que devem estar na agenda política, social, cultural e educativa e obrigam a ASC e a EA a uma atenção contínua e avisada para conseguir dar respostas adequadas aos problemas da sociedade e de quem dela é parte integrante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Barros, R. (2018). Revisitando Knowles e Freire: Andragogia versus pedagogia, ou O dialógico como essência da mediação sociopedagógica. *Educação e Pesquisa, São Paulo* (v. 44, e173244) pp. 1-19

Bergano, S. (2002). *Filosofias da Educação de Adultos*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Calvo, A. (2002). *La animación sociocultural: una estrategia educativa para la participación*. Alianza Editorial.

Canário, R. (2013). Novos (des)caminhos da Educação de Adultos? *Perspectiva*. (v. 31, n. 2, maio/ago). pp. 555-570

Canário, R. (2020). *Introdução*. In Miguéns, M. (coord.) *Educação de Adultos: ninguém pode ficar para trás*. Conselho Nacional de Educação, pp. 26-28

Costa, J. (2020). *Abertura*, In Miguéns, M. (coord.) *Educação de Adultos: ninguém pode ficar para trás*. Conselho Nacional de Educação, pp. 20-24

De Miguel, S. (2008). *Perfil del animador sociocultural*. Narcea, S.A. de Ediciones.

Lopes, M. (2006). *Animação Sociocultural em Portugal*. Intervenção.

Lopes, M.. (2019). A animação sociocultural, a educação social e os desafios da contemporaneidade. *Laplage em Revista, Sorocaba* (vol.5, n.2, mai.- ago), pp.61-74

Nóvoa, A. (2015). *Entrevista n.º 4*. In Fonte, R. *A animação sociocultural e os lugares de educação para a participação, autonomia e cooperação: estudo de caso da Fundação Lapa do Lobo*. Tese de Doutoramento. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Paixão, P. (1992). *Vida de adulto*. Livros Cotovia

Trilla, J., Gros, B., López, F. e Martín, M. (2003). *La educación fuera de la escuela: ámbitos no formales y educación social*. Ariel Educación.

UNESCO. (1997). *Educação de adultos: Declaração de Hamburgo, agenda para o futuro: International Conference on Adult Education, 5th, Hamburg, Germany: UNESCO Institute for Education*

COMO CITAR ESTE ARTÍCULO: Fonte, Rui (2024); Animação Sociocultural e Educação de Adultos: um olhar no marulhar da atualidade; En: <http://quadersanimacio.net> n° 39; Enero de 2024; ISSN: 1698-4404